



UNICAMP

P29.23

EVENTO: " SALDO DE LYON É FAVORÁVEL AO BRASIL"
 VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
 DATA: 23/Setembro/96
 PÁGINA: D-8
 SEÇÃO: CADERNO 2



DANÇA

Saldo de Lyon é favorável ao Brasil

Heitor Hui/AE

Apesar da aclamação do público na bienal, mídia francesa continua tratando o País como local exótico e solar, onde o carnaval, a violência e o futebol são os únicos fatos a se destacar

HELENA KATZ
Especial para o Estado

LYON — Terminados os primeiros dez dias da 7ª Bienal, já se pode rascunhar o desenho do perfil que o evento vai deixar. Já há material suficiente para montar um entendimento do que se passa aqui.

Seguindo a ordem da programação, já se apresentaram: Antônio Nóbrega, Nação Pernambuco, Cazumbá, Imperatriz Leopoldinense, Grupo Corpo, Lia Rodrigues Companhia de Danças, Companhia de Dança Deborah Colker, Balé Folclórico da Bahia, Companhia Terceira Dança, Rubens & Barbot Companhia de Dança, Balé da Cidade de São Paulo e A Fleur de Peau, que, apesar do nome francês, é dirigida por uma brasileira que mora em Paris, Denise Namura.

Além dos espetáculos propriamente ditos, foram realizados um Grande Baile, animado por Carlinhos de Jesus e a Orquestra H.B., de Guga Stroeter, uma Missa dos Artistas na Catedral St. Jean, onde alguns bailarinos do Balé Folclórico da Bahia apresentaram a cultura iorubá e o Desfile das Escolas de Samba.

A receptividade a tudo tem sido muito calorosa — e não ape-

nas para o Balé Folclórico da Bahia que, ao fim de cada um dos cinco espetáculos que deu em Lyon, transformou em bloco de carnaval o bem-comportado público que lotou diariamente os 2.900 lugares do Auditorium. Na Maison de la Danse, onde o Grupo Corpo dançou oito vezes, a platéia só aceitava abandonar o teatro depois de gritar, bater os pés e aplaudir uma média de 15 minutos, de pé.

LYON

AQUARELA DO BRASIL
7ª BIENNALE DE LA DANSE

GRUPO
CORPO
DANÇOU OITO
VEZES

O que preocupa mais, contudo, é perceber que, apesar da pluralidade da vitrine montada por Guy Darnet, o diretor artístico dessa bienal, a televisão francesa continuou entendendo o Brasil como samba, mulata de fio dental e carnaval. A rede M6 exibiu ontem, às 11h30, um especial de 25 minutos que dá desgosto recordar.

A M6 enviou uma equipe ao Brasil e editou um

material que sublinha, reitera e divulga o Brasil como o lugar onde bumbuns lindos vão à praia ao som de *Garota de Ipanema*. O esforço anunciado por Guy Darnet, de fazer da bienal uma contribuição para modificar a idéia de que o Brasil se resume a carnaval, violência e futebol, desaguou na imagem de Isabelita dos Patins, apresentada como o símbolo da cultura carioca.

Quando a tevê, que faz divul-



Antônio Nóbrega: um dos destaques brasileiros na Bienal de Lyon

gação em massa, produz isso, neutraliza o esforço que reunir o Terceira Dança a Lia Rodrigues e a Deborah Colker, por exemplo, representa. Vence o Brasil for export da Secretaria de Turismo, não o de um Ministério da Cultura que se leve a sério.

Até mesmo o número da *Revue Noire*, produzido como o catálogo oficial da bienal, cai nessa. A sua capa capricha na intenção de veicular o Brasil colo-

rido, solar e exótico. Mas o mais grave está no descaso comprometedor do seu conteúdo. Afinal, quando um documento que dá ao Ballet Stagium, que tem 25 anos de serviços prestados à cultura brasileira, o mesmo espaço e um tratamento gráfico pior que o dado ao Castafiore, companhia parisiense dirigida por uma jovem brasileira, Márcia Barcellos, só nos resta começar a gritar: "Socorro!"